

# O COMPONENTE NASAL DAS CONSOANTES PRÉ-NASALIZADAS DO CRIOULO DA GUINÉ-BISSAU: UM CASO DE EXTRASSILABICIDADE?

HILDO HONÓRIO DO COUTO  
(Universidade de Brasília)

## ABSTRACT

This paper shows that the prenasalized consonants of Guinea-Bissau Portuguese Creole, unlike what happens in substrate African languages, forms a single segment only at the phonetic level. At the phonological level they detach from the following obstruent. However, when they occur word-initially the C that dominates them is not associated to an onset nor to a coda. That would be a problem if it were not for the category of extrasyllabicity which explains them.

## 1 – OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Uma das questões mais interessantes nos estudos crioulos (crioulística) é a formação e a transformação das línguas pidgins e crioulas, enfim, sua gênese e evolução (cf. Bollée 1977, *inter alia*). Esse processo se dá em, no máximo, uns 50 anos e, frequentemente, em menos de três décadas (Bickerton 1981: 1), ao passo que para se observar a evolução que se deu do latim até chegar às línguas românicas se teria que percorrer quase uns mil anos. Devido a essa rapidez com que se formam suas gramáticas, além do fato de praticamente todas as línguas crioulas viverem em uma situação de multilingüismo (ou, pelo menos de bilingüismo), as línguas crioulas são verdadeiros laboratórios em que se podem observar fenômenos evolutivos quase *in vitro*. Dois exemplos bastante eloqüentes são os crioulos ingleses do Haváí (cf. Bickerton 1993) e da Papua Nova Guiné (cf. Holm 1989: 526-534 e Couto 1995, seção I.3.1.a), cujos primeiros anos e evolução estão relativamente bem registrados. Para a Guiné-Bissau, pode-se consultar Couto (1994).

Contrariamente ao caso dos dois crioulos ingleses recém-mencionados, de cuja formação e transformação se têm relativamente muitos registros, o crioulo português da Guiné-Bissau tem uma história praticamente

desconhecida, apesar do pioneirismo dos portugueses na aventura marítima que levou as potências européias às mais diversas partes do mundo, processo do qual surgiram muitos crioulos ainda hoje existentes. A tal ponto que se chegou a conjecturar a idéia de uma *monogênese* portuguesa para todos os crioulos de base lexical européia ou, quiçá, até mesmo para todos os crioulos do mundo (cf. Holm 1988: 44-52). Ou seja, o pidgin português que se formou do contato do português com as línguas nativas da costa oeste-africana nas primeiras investidas dos navegadores egressos da escola de Sagres teria sido levado para os quatro cantos do mundo, dando, além do guineense, do caboverdiano e do são-tomense da costa atlântica da África, também o papiá kristang da Malaca, os crioulos da costa indiana, o de Timor e outros já extintos. Os crioulos espanhóis das Filipinas, de Curaçao e outros teriam na origem esse pidgin português, *relexificado* pela língua espanhola com a chegada dos castelhanos a essas regiões. E assim, chegou-se mesmo a levantar a idéia de uma possível origem nesse pidgin para todos os crioulos do mundo, o que justificaria uma monogênese (Whinnom 1956).

É claro que a idéia da monogênese não é levada a sério por praticamente nenhum investigador hoje em dia. No entanto, quando verificamos que alguns termos de origem portuguesa existem no crioulo inglês do Caribe (pikni < pequenino 'criança'), no crioulo francês da Ilha Maurício (pintade < pintada 'tipo de peixe') e outros, parece que a idéia de monogênese pelo menos parcial tem algum fundamento, principalmente devido à grande semelhança estrutural entre todos os crioulos do mundo (cf. Cassidy 1992).

Diante do exposto, meu objetivo é, apesar da incógnita que é o processo de formação e transformação do crioulo português da Guiné-Bissau, tentar dar um passo na direção de um entendimento desse processo. Por outras palavras, meu objetivo é tentar compreender a formação da gramática desse crioulo. No caso específico, a formação de sua gramática fonológica. No entanto, mesmo nesse componente da gramática, restrinjo-me a um fenômeno específico da fonologia, ou seja, o destino que teve no crioulo a nasalidade vocálica do português e a pré-nasalidade das línguas de substrato africanas.

## 2 – A FONOLOGIA DO PORTUGUÊS SEISCENTISTA

Partindo das observações de Oliveira (1536), Barros (1540) bem como da interpretação que deu de suas obras Teyssier (1987), pode-se dizer que a fonologia do português seiscentista que era falado pelos primeiros aventureiros que se lançaram (daí os *lançados*, cf. Couto 1992) na cos-

ta oeste-africana era a que se vê (1), abaixo. Em (1a) temos as consoantes e em (1b) as vogais.

(1)					(b)				
(a)						i, i			ū, ū
p	t			k		e, e			ō, o
b	d			g		ẽ			ɔ
	f	s	ś	s				Λ, ã	
	v	z	ž	ž				a	
		l		ł					
		ř							
		r							
m	n			ñ					

É esse quadro fonológico que os portugueses levaram nas suas conquistas d'além-mar, aparando-se as arestas de pequenas diferenciações regionais dentro do próprio Portugal. Como se vê, alguns sons ocorrentes no português lusitano da época e, pelo menos em alguns dialetos, ainda hoje, não existem no português do Brasil. São eles as consoantes apicoalveolares [ ś ] e [ ž ] e as vogais centrais não baixas [ Λ ] e [ ã ].

## 3 – FONOLOGIA DO CRIOULO

O ideal seria partir da fonologia do crioulo da mesma época da do português dada acima, ou seja, de final do século XVI. Como isso é impossível, parto de dados da atualidade, mas da variante mais conservadora da língua, chamada em Couto (1994: 51-57) de *crioulo tradicional*, embora na folklingüística local ela seja chamada também de "crioulo dos velhos", "crioulo de nhô Joaquim", "crioulo de Cachéu", etc.

Vários argumentos nos levam a crer que a estrutura desse crioulo não tenha se alterado muito nos anos subsequentes aos de sua formação no final do século XVI. Como prova disso, poderíamos aduzir o testemunho histórico dos cronistas que, embora não tenham feito uma descrição gramatical da língua pelo menos mencionaram sua existência, além de fazerem referência a algumas de suas características. Assim, a primeira menção explícita do crioulo data dos anos de 1684/5, e a primeira frase registrada é de 1696. A primeira tentativa de descrição data de 1849. Nos anos seguintes (1897/9) o padre guineense M. Marques de Barros nos deu a primeira descrição detalhada da língua. Nenhum desses registros anteriores

discrepa de modo considerável do quadro fonológico atual, dado em (2) abaixo. Em (a) temos as consoantes e em (b) as vogais. (cf. Couto 1992 para mais detalhes!).

(2) (a) consoantes

p	t	c	k
b	d	j	g
m	n	ñ	ŋ
f	s		
r			
l			

(b) vogais

y			w
i		u	
e		o	
	a		

Comparando-se (2) com (1) verifica-se que o crioulo não adotou determinados sons do português da época bem como introduziu sons que não havia nele. Assim, as apicoalveolares [š] e [ž] bem como as três palatais [ṣ̌, ẓ̌, Ķ] não entraram no crioulo. Tampouco [v] e a distinção entre vibrante múltipla [ř] e vibrante simples [r] foi adotada. Por outro lado, o crioulo introduziu as africadas [tʃ] (no quadro (2) representada por [c]) e [dʒ] (no quadro representada por [j]) bem como a nasal velar [ŋ]. Isso no que concerne às consoantes.

No que tange às vogais, o crioulo não adotou as vogais nasais, a vogal central não baixa oral [ʌ] nem, é claro, a nasal [ã] nem a distinção entre vogais médias abertas ([e, ɔ]) e fechadas ([e, o]). Com isso, o esquema vocálico dessa língua é de três níveis, não de cinco como o português seicentista (1) nem de quatro como no português atual do Brasil.

As semivogais ou semiconsoantes (glides) [y, w] funcionam como vogais quando são o segundo V do núcleo vocálico e como consoantes quando em posição de ataque (onset).

#### 4 – FONOLOGIA DAS LÍNGUAS NATIVAS AFRICANAS

Não seria possível, nem necessário, expor aqui a fonologia de todas as línguas que de um modo ou de outro contribuíram para a formação do crioulo português da Guiné-Bissau – aliás, há uma semelhança fonológica muito grande entre praticamente todas elas. No entanto, eu gostaria de fornecer o quadro fonológico pelo menos de uma dessas línguas, ou seja, do wolof. Apesar de não ser falada na Guiné-Bissau, ela teve um papel muito importante durante os primeiros contatos dos portugueses com os habitantes da costa oeste-africana durante os anos de formação do crioulo. Em

(3a) temos suas consoantes e em (3b) suas vogais, conforme Araújo (1988).

(3) (a)	p	t	tš	k	(b) i	u
	b	d	dž	g	e	o
	f	s	š	x	ɔ	
	v	z	ž	ɣ	a	
		l				
	m	n	ñ	ŋ		

Diga-se de passagem que o wolof não é propriamente uma língua étnica como as outras aqui mencionadas. Na origem ele parece ter surgido primeiro como uma língua franca, tornando-se, com o passar dos tempos, a língua nacional do Senegal. De qualquer forma, excetuando-se os sons [v], [z], [š] e [ž], a semelhança de seu sistema fonológico com o do crioulo é espantosa.

O quadro mostrado em (3) não difere muito do das outras línguas locais. É o caso do balanta (Quintino 1951 e Gomes 1994), do pepel (Cardoso 1901), do fula (Labouret 1967) e do mandinga (Delafosse 1929 e Rocha 1994).

#### 5 – A NASALIDADE NO CRIOULO

Retornando ao sistema fonológico do crioulo, note-se que ele não adotou as vogais nasais do português como, de resto, já foi notado acima. Pelo contrário, elas foram interpretadas como uma seqüência de vogal oral + consoante nasal, como se vê na regra de (4) (cf. Ploae-Hanganu 1989: 439!).

(4) V -----> VN  
[+nasal]

Ou seja, toda vogal do português vira uma seqüência de vogal oral mais consoante nasal sob a condição de que a vogal seja nasal. Isso significa que o crioulo extrai a nasalidade das vogais nasais do português, fazendo dela uma consoante. Em (5) temos alguns exemplos.

- (5)
- [poŋ] 'pão'
- [kanta] 'cantar'
- [joŋ] 'João'
- [biñ] 'vir' (< "vim")
- [mbe] 'interjeição de espanto'
- [nsaniñu] 'tipo de pássaro'

O processo formalizado em (4) e ilustrado em (5) é categórico, trata-se inclusive de uma regra livre de contexto. Portanto, ele se dá tanto quando a vogal está em posição final como quando ela está em posição inicial ou medial de palavra.

Como vimos nas línguas de substrato africanas, praticamente todas elas têm consoantes pré-nasalizadas. Em (6) temos alguns exemplos.

- (6) [mpoθ] 'menino' (pepel)
- [nte] 'eu' (mandinga)
- [mburo] 'pão' (mandinga)
- [mbega] 'esconder' (manjaco)
- [ndigə] 'costas' wolof

Pois bem, em crioulo também há consoantes pré-nasalizadas. No entanto, deve-se observar que nessa língua elas não têm o mesmo estatuto que nas línguas africanas. Vejamos os exemplos de (7).

- |                      |                       |                        |
|----------------------|-----------------------|------------------------|
| (7) (a)              | (b)                   | (c)                    |
| [sañtʃu] 'macaco'    | [mpidi] 'impedir'     | [n riba] 'eu voltei'   |
| [majgu] 'manga'      | [ŋkontra] 'encontrar' | [m bay] 'eu fui'       |
| [kamba] 'atravessar' | [ñdžason] 'injeção'   | [tj kanta] 'eu cantei' |

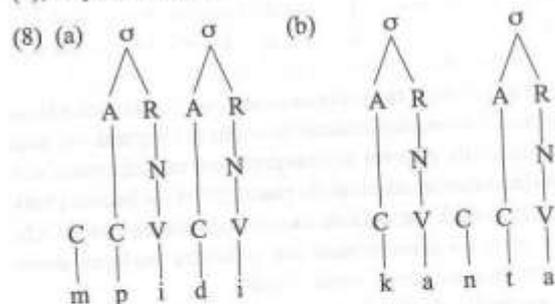
Como se pode notar, as consoantes podem ocorrer em praticamente qualquer posição em crioulo. Em (7a) elas aparecem no meio da palavra; em (7b) no início. Em (7c) temos o caso do morfema {N}, que consta apenas dos traços [+ consonantal, + nasal], assimilando-se ao ponto de articulação da consoante seguinte e, com isso, formando um grupo consonantal pré-nasalizado em posição inicial. Portanto, a transcrição fonética de (7) é um tanto "broad", lata. Na realidade, as palavras "atravessar", "impedir" e a expressão para "eu fui" devem ser mais propriamente transcritas [ka<sup>m</sup>ba], [m<sup>m</sup>pidi] e [m<sup>m</sup>bay], respectivamente, a fim de se chamar a atenção para a pré-nasalidade fonética. O mesmo vale para as outras palavras crioulas, tanto da lista de (7) quanto fora dela.

Como foi sugerido por Kihm (1986) e demonstrado por Couto (1992), essa pré-nasalidade apesar de existir a nível fonético não existe a nível fonológico. Os argumentos são vários, dentre eles o fato de uma consoante nasal que funciona sozinha como um morfema {N} 'eu' (clítico) se

adjungir à consoante seguinte, formando um grupo pré-nasalizado. Um outro é o fato de sílabas plenas iniciais do português, constituídas apenas de uma rima preenchida por uma vogal nasal, serem interpretadas pelo crioulo como a consoante nasal já definida acima. Essa consoante nasal se adjunge à consoante seguinte formando com ela uma consoante pré-nasalizada, como se vê nos exemplos de (7b). Para mais evidências, pode-se consultar Couto (1992).

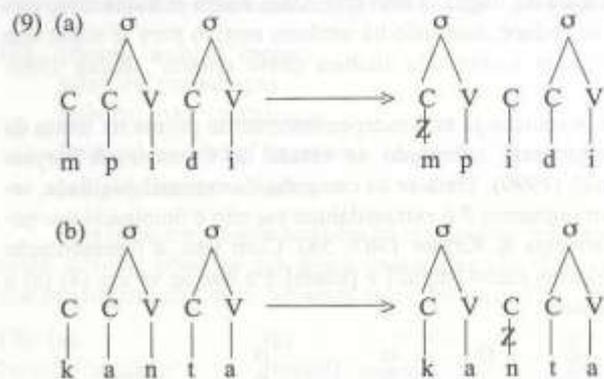
Mas, aí surge um problema. Se o elemento nasal das consoantes pré-nasalizadas não forma um único fonema com elas, como é que fica a interpretação fonológica? Ou, mais precisamente, qual é a sua representação na estrutura silábica? Com efeito, se pensarmos sobretudo nos exemplos de (7c), seríamos levados a considerar o elemento nasal como uma consoante que funciona como o núcleo de uma sílaba. No entanto, isso não é aceitável na estrutura da língua. Tanto que Alain Kihm já havia dito, embora numa nota de rodapé, que "não há nenhum motivo para se supor que [n] ou qualquer outra soante seja silábica nesse crioulo" (Kihm 1986: 102).

A meu ver, a solução já está independentemente pronta na teoria da fonologia auto-segmental, sobretudo na versão de Clements & Keyser (1983) e Goldsmith (1990). Trata-se da categoria da extrassilabidade, segundo a qual "um segmento P é extrassilábico se não é dominado por nenhum nó σ" (Clements & Keyser 1983: 58). Com isso, a representação subjacente de palavras como [mpidi] e [kanta] é a que se vê em (8) (a) e (b), respectivamente.



Como nenhum elemento pode ficar não licenciado, solto, o que acontece com esses elementos nasais? A solução se encontra em Goldsmith (1990: 107-108). Segundo esse autor, em casos como o que estamos examinando trata-se de *extrassilabidade contingente*. Nesse tipo de extrassilabidade, "consoantes podem ficar não silabificadas durante o processo de silabificação e, portanto, pairando no limbo, esperando que uma sílaba apareça para elas" (p. 108). Por outras palavras, elas ficam extrassilábicas apenas a nível subjacente pois, no processo de derivação da repre-

sentação fonética elas se silabificam de alguma forma. De acordo com Clements & Keyser (1983: 39) elementos extrassilábicos se silabificam, ou melhormente, a representação silábica geral recupera a boa-formação por meio de epênteses, vocalização de soantes, metáteses e sínopes. Eu acrescentaria mais um processo para integrar elementos extrassilábicos à boa formação silábica: a pré-nasalização. Com ela, o elemento nasal que pairava no limbo (os C não dominados por  $\sigma$ ), se adjunge à obstruinte seguinte, ou seja, é ligado ao mesmo C da consoante seguinte, formando com ela uma consoante complexa pré-nasalizada. É o que se vê em (9a') e (9b'). O C que dominava esse elemento é apagado automaticamente, como está representado em (9a'') e (9b''). Com isso, a representação de (8)(a)-(b) ficaria como se vê em (9)(a-a'')-(b-b''), ignorando-se os detalhes não relevantes.



O outro tipo de extrassilabidade mencionado por Goldsmith não se aplica ao caso, ou seja, a *extrassilabidade licenciada*, segundo a qual elementos iniciais ou finais da palavra se integram estruturalmente "não no nível silábico, mas diretamente ao nível da palavra" (Goldsmith 1990: 108), ou seja, no nível lexical. Esse tipo de extrassilabidade parece não ocorrer em português nem no crioulo mas em palavras inglesas como "sixth" (sexto), transcrita foneticamente como [siksθ].

Retornando aos exemplos de (9), depois que o elemento nasal é ligado ao C que domina a consoante seguinte o C que as dominava, e que fica solto, é apagado por uma regra geral.

## 6 - OBSERVAÇÕES FINAIS

Como vimos, o crioulo diverge, no que tange à nasalidade, tanto da língua lexificadora (de superstrato) quanto das línguas de substrato. Com

efeito, ele não adotou nem a nasalidade vocálica do português (decompondo as vogais nasais em vogal oral mais consoante nasal) nem a pré-nasalidade das línguas de substrato. O curioso é que a pré-nasalidade se manteve parcialmente, ou seja, apenas a nível fonético, uma vez que a nível fonológico o elemento nasal é dominado por um C independente do C do elemento oral do complexo pré-nasalizado foneticamente. Diante disso, podemos tirar algumas conclusões de natureza mais geral.

A primeira é a de que isso fala a favor da hipótese da língua mista da crioulistica, apesar das restrições que Mühlhäusler (1986: 118-119) tem a ela. Com efeito, se o crioulo não adotou no caso nem a estrutura do português nem a das línguas de substrato, isso significa que ele ficou a meio caminho. Ora, ficar a meio caminho significa ficar no meio, entre o superstrato e o substrato. E "estar no meio" é o mesmo que dizer que está sendo influenciado pelos dois tipos de língua com a mesma intensidade ou, ainda, que está sendo influenciado por ambos.

Uma segunda conclusão, estreitamente ligada a essa primeira, é a de que as línguas nativas, de substrato, têm, ao fim e ao cabo, um papel ligeiramente mais forte do que o da língua de superstrato nesse processo, apesar da aparente contradição com a primeira conclusão. Isso porque, a nível subjacente o elemento nasal do equivalente pré-nasalizado das línguas de substrato é autônomo (dominado por um C próprio) e o mesmo se dá com o elemento nasal do equivalente das vogais nasais do português, que também ficou autônomo. Porém, a nível fonético a pré-nasalidade amplamente representada nas línguas de substrato, está presente, por regra embora, ao passo que a desnasalização das consoantes nasais do português se mantém mesmo nesse nível.

Uma terceira conclusão geral é a de que apesar de os falantes de crioulo terem o português como língua alvo, o que é visível na decomposição dos complexos pré-nasalizados em seus elementos nasal e não-nasal, a força das línguas de substrato a nível concreto é palpável, o que se nota na recuperação da integridade do complexo pré-nasalizado a nível fonético. Por outras palavras, o crioulo está entre duas forças centripetas, tentando manter sua integridade e autonomia.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Olívia M. N. 1988. *Análise fonológica do 'woloj'*. UnB (ms).
- BARROS, João de. 1540. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Soc. Astória (ed. de 1957).
- BICKERTON, Derek. 1981. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma.
- . 1993. Language contact in Hawaii 1780-1930. *Delta 9* (especial). 387-397.
- BOLLÉE, Annegret. 1977. Pidgins und kreolische Sprachen. *Studium Linguistik* 3.48-76.

- CARDOSO, Henrique Lopes. 1901. *Vocabulário pepel*. Bissau: Ed. do autor, 8 p.
- CASSIDY, Frederick. 1992. *On the Portuguese element in Jamaican creole*. In: Actas do colóquio "Sobre crioulos de base lexical portuguesa". Lisboa: Colibri, 67-72.
- CLEMENTS, George N. & Samuel J. KEYSER. 1983. *CV phonology: A generative theory of the syllable*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- COUTO, Hildo H. do. 1992. *As consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné-Bissau*. Soronda 14.97-105.
- . 1994. *O crioulo português da Guiné-Bissau*. Hamburgo: Helmut Buske Verlag.
- . 1995. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da UnB.
- DELAFOSSÉ, Maurice. 1929. *La langue mandingue et ses dialectes (malinké, bamba-ra, dioula)*. Paris: Librairie Orientale Paul Geuthner.
- DINIZ, Salin S. 1982. *Os sons e fonemas do manjaco*. UnB (ms).
- GOLDSMITH, John A. 1990. *Autosegmental & metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell.
- GOMES, Cleonice Cândida. 1994a. *Língua balanta*. UnB (ms).
- . 1994b. *Estrutura silábica da língua balanta*. UnB (ms).
- HOLM, John. 1988. *Pidgins and creoles*, vol. I. Cambridge: Cambridge University Press.
- . 1989. *Pidgins and creoles*, vol. II. Cambridge: C.U.P.
- KIHM, Alain. 1986. Nasality in Kriol: The marked case? *Journal of pidgin and creole languages* 1,1.81-107.
- LABOURET, Henri. 1967. *La langue des peuls ou foubé*. Dakar: Mémoire de l'Institut Français d'Afrique Noire, n. 16-XI.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. 1986. *Pidgin and creole linguistics*. Oxford: Basil Blackwell.
- OLIVEIRA, Fernão de. 1536. *Gramática da língoa portuguesa*. Lisboa: E. José Fernandes (ed. de 1933).
- PLOAE-HANGANU. 1989. Observații asupra vocalelor nazale în creola portugheză din Africa. *Studii și cercetări lingvistice* XL, 5.437-440.
- QUINTINO, Fernando R. 1951. *Algumas notas sobre a gramática balanta*. Bissau: Separata do Boletim cultural da Guiné Portuguesa, 52 p.
- ROCHA, Rosa Cecília F. da. 1994a. *Fonética da língua mandinga*. UnB (ms).
- . 1994b. *Estrutura silábica da língua mandinga*. UnB (ms).
- TEYSSIER, Paul. 1987. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 3. ed.
- WHINNOM, Keith. 1956. *Spanish contact vernaculars in the Philippine islands*. Hong Kong & Oxford University Press.